

# BICHO - DA - SEDA

Lagarta do inseto lepidóptero bomicídio (*bombyx mori*). (O fio por ela segregado para formar o casulo é a chamada seda ou seda natural). Aplica-se o nome também ao inseto adulto.

O bicho-da-seda é uma mariposa de cabeça e corpo branco-amarelados, antenas pretas pectinadas no macho, asas superiores e inferiores esbranquiçadas, sendo as primeiras atravessadas por duas estrias escuras. Depois de fecundada, a fêmea põe 500 a 800 ovos, de onde saem as larvas, que são os bichos-da-seda propriamente ditos.

Estes, durante o crescimento, sofrem quatro mudas, tendo, pois, cinco idades. Na primeira idade, que dura habitualmente cinco dias, o bicho-da-seda é negro e peludo; na segunda, de mesma duração que a primeira, a lagarta adquire cor acinzentada e os pêlos rareiam; na terceira idade, que demora seis dias, já sem pêlos, a larva é branca; a quarta idade também persiste por seis dias, a quinta idade, na qual a larva atinge o termo do crescimento, dura nove dias.

Alcançando o completo desenvolvimento, as lagartas abandonam as folhas da amoreira (seu alimento habitual) e procuram o lugar adequado para fiar o casulo. O trabalho de fiação demora cerca de três dias.

Processa-se no interior do casulo a transformação da lagarta em crisálida. A metamorfose da crisálida dura cerca de três semanas, dela saindo a mariposa, que se livra do casulo segregando um líquido alcalino. A crisálida é morta no casulo quando se visa a produção de seda. Esta é elaborada por um aparelho secretor (fieira), junto a boca da lagarta.

## Sericultora ou Sericultora

criação do bicho-da-seda para a colheita de casulos e fabricação da seda.

Historicamente, foram os chineses os precursores da cultura da seda, há mais de 2.600 anos A.C., a qual, no século IV, passou a ser conhecida também no Japão, Índia e depois no Ocidente. Em 551, a sericultora foi introduzida no Ocidente, por dois monges, missionários na Índia e China, que levaram o bicho-da-seda para a Itália e Bizâncio. Posteriormente, espalhou-se pela Grécia e Pérsia.

Nas sirgarias, incumbam-se os ovos sob a temperatura que se eleva regularmente de 6 a 25 graus centígrados. As larvas, saídas da casca ao fim de duas semanas, sofrem quatro mudas, no curso das quais sua voracidade é extrema. Deve-se renovar várias vezes por dia as folhas da amoreira, sua alimentação exclusiva.

Sobrevém a "subida": as larvas instalam-se nos galhos de giestas e outras plantas, colocados perto delas, para fiar o casulo e transformarem-se em crisálidas.

O casulo é feito de único fio de seda, que atinge até 1.500 m de comprimento, enrolado grande número de vezes sobre si mesmo.

Os casulos são destacados dos galhos, colocados em água fervente e batidos com uma vassoura de ramos para libertar a extremidade do fio. Enrola-se, a seguir, segundo a grossura do fio que se deseja obter, certo número de casulos em água a 90 graus centígrados e cujos fios são reunidos em um só. A operação chamada cruzamento consiste em arredondar e polir o fio obtido, seja cruzando-o sobre si mesmo, seja cruzando fios diferentes.

Finalmente, o fio é disposto em meadas numa dobadeira. Mediante a operação denominada moedura, a seda crua e torcida é expurgada de impurezas, o que aumenta a sua resistência. Os fios assim obtidos adquirem toda a sua flexibilidade e brilho por ocasião da decrua ou decruagem (lavagem), que elimina os resíduos pela ação da água quente saponificada ou da espuma de sabão. Recorre-se também a ação de certas enzimas. Conforme a intensidade da lavagem, obtêm-se a seda macia

Para compensar a perda de peso sofrida pela seda, procede-se ao seu tratamento precipitando nas fibras sílico-fosfato de estanho: a fibra incha e rende mais na tecelagem.

Os resíduos obtidos em todas essas operações são também utilizados para a produção de fios. As sedas naturais são obtidas a partir de outros casulos.

Além dos de *bombyx mori*, a mais comum, geralmente conhecidas sob a denominação de tussor, procedem de cochonilhas da Índia e do Extremo-Oriente, e servem de ordinário para a tecelagem de lenços para o pescoço e "surahs".

Diversas moléstias atacam o bicho-da-seda, entre elas a pebrina, a muscardina, etc.